

DIETZ, Gunther. *Multiculturalismo, interculturalidad y diversidad en educación. Una aproximación antropológica*. México: FCE, 2012, 279 p.

Já faz alguns anos que o caráter multicultural das sociedades tem ganhado visibilidade em vários meios mundo afora. Também, o discurso multicultural e/ou intercultural tem estado cada vez mais presente nos debates acadêmicos, políticos e na elaboração de políticas públicas destinadas a grupos minoritários: imigrantes e minorias étnicas. Não obstante, tal discurso é controverso e tem suscitado debates e polêmicas diversas, relacionadas principalmente com as políticas educativas destinadas aos grupos minoritários, ou seja, à denominada educação intercultural.

Longe da pretensão de sanar tais debates, Gunther Dietz, pesquisador do Instituto de Investigação em Educação da Universidade Veracruzana, México, em sua mais recente obra, *Multiculturalismo, interculturalidad y diversidad en educación. Una aproximación antropológica*, oferece-nos uma intensa análise dos discursos sobre a multiculturalidade e a interculturalidade, bem como das práticas que surgiram desses discursos para formar a chamada educação intercultural. Nessa obra, de cunho eminentemente epistemológico, o autor não se limita a apresentar a teoria e a prática da interculturalidade nos diferentes sistemas educativos, mas trata de analisar o processo de “interculturalização” de tais sistemas. Para tanto, utiliza-se do instrumental teórico e metodológico da antropologia para fundamentar seu referencial empírico e teórico sobre a *educação intercultural*, tema central do livro.

Ao refletir sobre os diferentes modelos de educação intercultural, por um prisma antropológico, o autor assume que a antropologia já não se define pelo seu “objeto primitivo, exótico e distante”, mas pelo seu “olhar particular e sua oscilação permanente entre distanciamento e identificação ao analisar qualquer tipo de objeto-sujeito humano” (p. 14, tradução minha). Assim, as práticas culturais e sua relação com os processos de identidade no seio da sociedade contemporânea tornam-se um dos núcleos principais das preocupações da antropologia na atualidade. É por essa perspectiva que o autor propõe o estudo da educação intercultural, não como “um

mero apartado” dentro da antropologia das migrações, da sociedade multicultural ou da educação, mas como um estudo antropológico das estruturas e processos intergrupais e interculturais de constituição, diferenciação e integração das sociedades contemporâneas. E elege como ponto de partida as políticas de identidades características dos atores que formam as sociedades e Estados “supostamente” pós-nacionais, bem como seus sistemas educativos.

O livro está organizado em quatro capítulos com uma sequência lógica que nos possibilita entender como o discurso intercultural foi adentrando os espaços educativos. Dietz inicia sua análise afirmando que o discurso sobre interculturalidade e educação intercultural não surgiu no interior das escolas ou universidades, mas no seio de movimentos sociais contestatórios, ou seja, do multiculturalismo. Partindo dessa perspectiva, no primeiro capítulo analisa o processo pelo qual passou o multiculturalismo como um “novo” tipo de movimento social, de seu gradual processo de institucionalização acadêmica até sua chegada ao âmbito pedagógico e a conquista dos espaços institucionais, bem como os impactos que essa institucionalização causou na conformação de outros campos disciplinares que estudam a temática de educação intercultural. Demonstra, ainda, como o discurso intercultural foi internalizado nos sistemas educativos, o processo de “culturalização” do multiculturalismo e a apropriação de um discurso que essencializa as diferenças étnicas e culturais perante outros problemas sociais.

No segundo capítulo, Dietz analisa as relações que dentro do âmbito acadêmico e educativo se estabeleceram entre “o legado multicultural” e as ciências humanas e sociais que estudam a interculturalidade. Nesse debate interdisciplinar, pondera sobre as relações entre a antropologia e os estudos étnicos, os estudos culturais e a própria pedagogia no estudo da diversidade cultural. Ao analisar criticamente tais estudos, apresenta os limites e deficiências que eles apresentam em relação ao caráter intercultural para, em seguida, apresentar uma opção analítico-teórica de tal fenômeno, o que ele denomina “antropologia da interculturalidade”.

Para Dietz, em uma antropologia da interculturalidade, a noção hermenêutica se amplia recorrendo ao conceito de “mundos de vida”, e considera que essa pluralidade de “mundos de vida” requer uma pluralização das pautas compreensivas. Portanto, a possibilidade de compreensão intercultural que procura traduzir esses “mundos de vida” depende não só de competências e habilidades linguísticas, mas também de diálogos reflexivos com o horizonte de compreensão do outro. Caso se estabeleça essa reflexividade dialógica entre os diferentes “horizontes de sentido”, a compreensão do outro assentará as bases para modificar as atitudes em relação ao outro, o que inaugurará um processo de “interculturalização” entre o Eu e o outro. Essa seria uma contribuição genuinamente antropológica, cujo procedimento empírico, a etnografia se encarrega de sistematizar os desafios dessa tradução entre os distintos “mundos de vida”.

No capítulo três, Dietz nos apresenta um debate entre as diferentes propostas teóricas que analisam a interculturalidade e sua própria conceptualização, a *antropologia da interculturalidade*, insistindo na necessidade de manter uma perspectiva

antropológica que gire em torno do conceito de cultura e sua “vigência” dentro dos estudos interculturais. Para Dietz, diferentemente de outros debates interdisciplinares, em que a antropologia insistia em estender o conceito de cultura e “culturalizar” outros discursos, hoje no campo dos estudos interculturais a tarefa da antropologia consiste em vigiar os usos terminológicos desse conceito e suas consequências, seja em nível teórico ou metodológico. Assim, faz uma densa análise da noção de cultura e de sua inter-relação com expressões identitárias, como a etnicidade e o nacionalismo. Nesta, critica o caráter “essencial”, “estático” e “primordialista” com que o conceito de cultura vem sendo usado pelas diversas vertentes teóricas que têm estudado o caráter intercultural das sociedades, sobretudo o multiculturalismo, e apresenta um amplo panorama dos desafios e respostas que os diferentes Estados-nação europeus, norte e latino-americanos experimentaram ante a diversidade cultural no campo educativo.

Após apresentar seu enfoque conceitual de uma antropologia da interculturalidade, Dietz dedica o quarto e último capítulo do livro à elaboração de um referencial empírico, ou seja, uma proposta metodológica para a antropologia da interculturalidade. Esta consiste em uma etnografia da educação intercultural denominada pelo autor de “*doble hermenéutica, o etnografía doblemente reflexiva*”, tendo como objetivo superar os abismos existentes entre o normativo-prescritivo (o que deve ser) e o descritivo-empírico (o que é de fato) por meio de uma análise dialética da relação entre os discursos do pedagógico-intercultural e a práxis educativa cotidiana. Tal estratégia visa superar o reducionismo autor-referencial da “etnografia experimental” e a simplificação imediatista da “antropologia da libertação”.

Nessa estratégia metodológica, que tem como ponto central a reflexividade, Dietz parte da identificação de dois processos reflexivos distintos – de um lado, o ator social, que constantemente reflete acerca de sua prática cotidiana e, do outro, a atividade “metacotidiana” do investigador social – que interatuam em uma “*doble hermenéutica*”. A negociação recíproca de interesses acadêmicos e políticos gera uma mistura entre teoria e prática que, por sua vez, se traduz em uma “metodologia triádica” que consta de diferentes fases: investigação empírica, teorização acadêmica e transferência para a prática política ou educativa.

Essa proposta metodológica, conceitual e interpretativa da educação intercultural, congrega três dimensões: *dimensão sintática*, ou uma etnografia das instituições que participam e constituem o sistema educativo no seio dos Estados-nação; *dimensão semântica*, ou análises das estratégias discursivas empregadas pelos diferentes atores pedagógico-institucionais; e *dimensão pragmática*, centrada nos modos de interação dos diferentes atores que operam no contexto escolar. Tal práxis é estudada principalmente por meio da observação participante, por uma perspectiva *etic*, e analisada tanto em razão do seu *habitus* intracultural como em suas competências interculturais.

Estamos sem sombra de dúvida diante de uma leitura instigante, tanto por seu significativo conteúdo analítico como teórico. Esta deve servir de referência a todos os que se interessam pelo estudo da temática da interculturalidade e/ou

educação intercultural, pois nos apresenta um novo modelo de fazer etnográfico em relação às práticas educativas. Essa nova perspectiva deixa de lado a “limitante etnografia pós-moderna” e nos direciona a uma nova forma de fazer etnografia de cunho genuinamente reflexivo. A obra em tela propõe, assim, um modelo analítico significativamente rico e original para a compreensão de vários aspectos do cotidiano dos grupos minoritários: populações indígenas, (i)migrantes, ou outras minorias étnicas em contextos educativos.

RAIMUNDO NONATO FERREIRA DO NASCIMENTO é professor da Rede Pública Estadual de Educação de Roraima e doutorando em antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

*E-mail:* nonatorr.33@gmail.com

*Recebido em fevereiro de 2013*

*Aprovado em março de 2013*